

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 12/09/2018.

KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

PALIMPSESTOS:

a memória, a mulher e a construção ficcional em Montserrat Roig

ASSIS

2016

KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

PALIMPSESTOS:

a memória, a mulher e a construção ficcional em Montserrat Roig

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista
para a obtenção do título de doutora em Letras (Área
de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Antônio Roberto Esteves

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada por Juliana Almeida dos Santos – CRB8/8796

O48p Oliveira, Katia Aparecida da Silva
Palimpsestos: a memória, a mulher e a construção ficcional em
Montserrat Roig / Katia Aparecida da Silva Oliveira. Assis, 2016
310 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis –
Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Roberto Esteves

1. Memória 2. História das mulheres. 3. Feminismo. 4.
Metaficção historiográfica. 5. Montserrat Roig. 6. Transição
espanhola. I. Título.

CDD 860.9

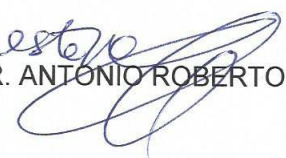
KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

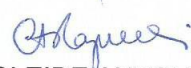
PALIMPSESTOS: a memória, a mulher e a construção
ficcional em Montserrat Roig

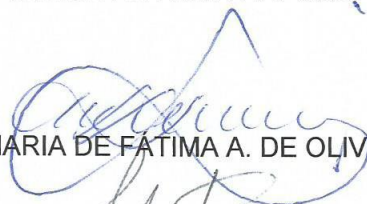
Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutora em
Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

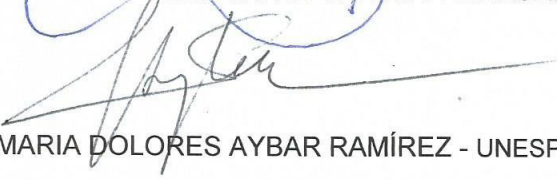
Data da Aprovação: 12/09/2016

COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. ANTONIO ROBERTO ESTEVES - UNESP/Assis


MEMBROS: PROFA. DRA. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI - UNESP/Assis


PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA A. DE OLIVEIRA MARCARI - UNESP/Assis


PROFA. DRA. MARIA DOLORES AYBAR RAMÍREZ - UNESP/Araraquara


PROFA. DRA. JACICARLA SOUZA DA SILVA - UEL/Londrina

Para todos aqueles que lutam
para que o passado não seja perdido.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Roberto Esteves por ter acreditado nesse trabalho, pela orientação precisa e carinhosa e pela amizade que fomos construindo.

À Prof. Dra. Helena González Fernandez pela recepção calorosa, os sábios conselhos e pela orientação no período em que estive no *Centre Dona i Literatura*, na *Universitat de Barcelona*.

Às professoras Dra. Cleide Antonia Rapucci e Dra. Maria de Fatima A. O. Marcari, pela leitura cuidadosa e pelas importantes sugestões feitas no exame de qualificação.

Ao Alan, pelo amor, paciência e carinho ao longo desses anos.

À minha mãe, à Giselle e ao Felipe, por fazerem parte de minha vida e estarem sempre ao meu lado.

À Rosângela, pela amizade e apoio nos momentos difíceis.

Aos amigos que estiveram ao meu lado e àqueles que mesmo à distância torciam por mim.

Aos funcionários do *Arxiu Nacional de Catalunya*, por toda gentileza e apoio no momento da pesquisa.

À família de Montserrat Roig, por permitir o acesso ao seu fundo documental.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação pela atenção e cuidado com que sempre me atenderam.

À CAPES pela bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), sem a qual esse trabalho não teria sido possível.

*Hija y nieta del silencio, poco a poco mi clamor se convierte en
palabra. Bruja que se mece en lo conocido, busco la voz precisa para
dar figura a lo que nunca se ha expresado.*

Montserrat Roig

OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. **Palimpsestos: a memória, a mulher e a construção ficcional** em Montserrat Roig. 2016. 310 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

A trilogia de romances da escritora catalã Montserrat Roig (1946-1991) composta por *Ramona, adéu* (1972), *El temps de les cireres* (1978) e *L'hora violeta* (1980) (traduzidos para o espanhol como *Ramona, adiós*, *Tiempo de cerezas* e *La hora violeta*) pode ser compreendida como a representação de seu projeto literário, colocando em evidência sua visão sobre o papel da literatura e a importância do registro e preservação da memória. Considera-se que tais obras, que concentram suas narrativas no período que compreende o final do século XIX até os primeiros anos da transição espanhola, recuperam memórias coletivas (HALBWACHS, 1990) relacionadas a esses anos da história barcelonesa, dando visibilidade a um passado silenciado durante a ditadura e voz a grupos marginalizados, em especial as mulheres. A trilogia integra, assim, junto a um passado que havia sido emudecido, a história das mulheres, reivindicada a partir dos movimentos feministas como forma de empoderamento. Da mesma forma que a recuperação do passado permite que o povo reconheça sua própria história e se veja nela, a escrita da história das mulheres permite reconhecer a sua participação histórica, revelando protagonismos e promovendo o auto-conhecimento. Às manifestações da memória inscritas nas obras, soma-se a memória literária (SAMOYAUT, 2008), representada a partir da intertextualidade que compõe os romances. A trilogia revela também um processo de construção que se insere na definição de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991), um processo de revisão da história a partir da literatura, que promove a autorreflexão sobre o passado e sobre a própria obra literária. Ademais, Roig insere nos romances elementos autoficcionais, evidenciando o processo de elaboração literária e a relação do autor com sua produção. Dessa forma, pretende-se demonstrar que a trilogia é formada por uma complexa rede de sentidos que representa o projeto literário de Roig, destacando sua preocupação com a preservação da memória e sua visão da literatura como um instrumento social, capaz de representar, preservar e propagar a identidade, o passado e as leituras de mundo criadas pelo ser humano, promovendo a reflexão sobre a realidade e inspirando mudanças sobre ela.

Palavras-chave: Memória coletiva. História das mulheres. Feminismo. Metaficção historiográfica. Montserrat Roig.

OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. **Palimpsestos:** memory, women and fictional contruction in Montserrat Roig. 2016. 310 f. Thesis (Doctorate in Letters – Area: Literature and Social Life). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

The Catalan writer Montserrat Roig's trilogy composed by *Ramona adéu* (1972), *El temps de les cireres* (1978) and *L'hora violeta* (1980) (translated into Spanish as *Ramona, adiós, Tiempo de cerezas* and *La hora violeta*) can be understood as the representation of her literary project in order to highlight her vision about the role of the literature and the importance of the record and preservation of the memory. These literary works, which focus their narratives in the period that comprehends the end of the 19th century until the first years of the Spanish transition, recover collective memory (HALBWACHS, 1990) related to these years of the Barcelona's history, providing visibility to a silenced past during the dictatorship and giving voice to marginalized groups, especially the women. The trilogy integrates, thus, with a silenced past, the history of women claimed from the feminist movement as a form of empowerment. In the same way that the recovery of the past allows people to recognize their own history and see themselves in it, the writing of the women's history allows to recognize their participation in history, which reveals protagonism and promotes self-knowledge. To the manifestations of memory registered in the work is added the literary memory (SAMOYAUT, 2008) represented from the intertextuality that compounds the novels. The trilogy also discloses a process of construction which is inserted in the historiographical metafiction definition (HUTCHEON, 1991), a process of history view from the literature, which provides the self-reflection about the past and the literary work itself. Moreover, Roig inserts in the novels self-fictional elements, which evidences the literary elaboration process and the writer relation with her production. In this way, it is intended to evince that the trilogy is formed by a complex web of meanings that represents Roig's literary project, highlighting her concern about the preservation of the memory and her vision about literature as a social instrument, able to represent, preserve and propagate the identity, the past and the world's readout created by a human being, providing the reflection about the reality and inspiring changes about it.

Key-words: Collective memory. Women's history. Feminism. Historiographical metafiction. Montserrat Roig.

OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. **Palimpsestos: la memoria, la mujer y la construcción ficcional** en Montserrat Roig. 2016. 310 f. Tesis (Doctorado en Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMEN

La trilogía de novelas de la escritora catalana Montserrat Roig (1946-1991) compuesta por *Ramona, adéu* (1972), *El temps de les cireres* (1978) e *L'hora violeta* (1980) (traducidos al español como *Ramona, adiós*, *Tiempo de cerezas* y *La hora violeta*) puede ser comprendida como la representación de su proyecto literario, evidenciando su mirada sobre el papel de la literatura y la importancia del registro y preservación de la memoria. Se considera que tales obras, que concentran sus narrativas en el periodo que se extiende desde el final del siglo XIX hacia los primeros años de la transición española, recuperan memorias colectivas (HALBWACHS, 1990) relacionadas a esos años de historia barcelonesa, dando visibilidad a un pasado silenciado durante la dictadura y voz a grupos marginalizados, en especial las mujeres. La trilogía integra, así, junto a un pasado que había sido enmudecido, la historia de las mujeres, reivindicada a partir de los movimientos feministas como forma de empoderamiento. De la misma manera, como la recuperación del pasado permite que la población reconozca su propia historia y se mire en ella, la escritura de la historia de las mujeres permite reconocer su participación histórica, revelando protagonismos y promoviendo el auto-conocimiento. A las manifestaciones de la memoria inscritas en las obras, se suma la memoria literaria (SAMOYAUT, 2008), representada a partir de la intertextualidad que compone las novelas. La trilogía revela también un proceso de construcción que se insiere en la definición de metaficción historiográfica (HUTCHEON, 1991), un proceso de revisión de la historia a partir de la literatura, que promueve la autorreflexión sobre el pasado y sobre la propia obra literaria. Además, Roig insiere en las novelas elementos autoficcionales, evidenciando el proceso de elaboración literaria y la relación del autor con su producción. De tal manera, se pretende demostrar que la trilogía es formada por una compleja red de sentidos que representa el proyecto literario de Roig, destacando su preocupación con la preservación de la memoria y su visión de la literatura como un instrumento social, capaz de representar, preservar y propagar la identidad, el pasado y las lecturas de mundo creadas por el ser humano, promoviendo la reflexión sobre la realidad e inspirando transformaciones para ella.

Palabras-clave: Memoria colectiva. Historia de las mujeres. Feminismo. Metaficción historiográfica. Montserrat Roig.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – A história como um quebra-cabeças	27
1.1 O esquecimento, o silêncio, a memória	27
1.2 O Fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX	49
1.3 Da ditadura à transição	85
Capítulo 2 – O Feminino em vitral	112
2.1 Montserrat Roig e a mulher na literatura	112
2.2 Reinventando o feminino	135
2.3 A mulher no centro da ação	165
Capítulo 3 - Atelier literário	212
3.1 Montserrat Roig e a escrita em espiral	212
3.2 Intertextualidade: a memória da literatura	239
3.3 Metaficção e autoficção	267
Palavras Finais	291
Referências	300

INTRODUÇÃO

Porque estudar a obra de Montserrat Roig (1946-1991)? Esta pergunta se impõe quando a proposta desta tese é apresentada. A questão, na verdade seria por que não estudá-la. A obra de Montserrat Roig é pouco conhecida no Brasil, seja pelo fato de que a literatura catalã não chega com facilidade ao país ou pelo desconhecimento da língua na qual a autora escreveu a maior parte de seus textos, o catalão, entre outros motivos. O fato é que encontrar os textos de Roig, mesmo em bibliotecas universitárias, é quase impossível.

Com uma obra extensa, tanto literária como jornalística, Roig foi uma escritora atuante na vida cultural catalã. Como diz Christina Dupláa (2005, p. 305) “*Roig dedicó veinticinco años de su corta vida a la creación de un complejo universo literario compuesto de ensayos feministas, ficciones, centradas en la mujer, la presencia constante de su ciudad natal, Barcelona, y su lengua minoritaria, el catalán*”. Mas embora seja evidente e amplamente conhecido o seu comprometimento com a cultura, história e identidade catalã, ademais da defesa de seus valores em sua obra, deve-se reconhecer que sua produção, se por um lado tem um aspecto regional, por outro, tem elementos de alcance universal, que ultrapassam as fronteiras da Catalunha e que se comunicam com todos, independentemente de sua origem.

Esta característica universal que dá o tom de sua criação artística, insere a obra de Roig no rol das grandes obras literárias. A memória, o feminismo e as relações humanas ou entre pessoas de grupos ideológicos e sociais distintos, além da afirmação e defesa de uma identidade, que a princípio pode parecer algo local e excludente em relação a outras culturas, mas que se mostra capaz de promover a reflexão sobre a importância da preservação da identidade, dos valores de um povo e da tolerância frente à diferença, são temáticas que frequentam todo o seu projeto literário e que, de certa forma, por estarem sempre presentes no pensamento humano, conferem-lhe um caráter de atualidade, apesar de seus textos estarem profundamente relacionados com o momento em que vivia.

Tendo importante participação na produção literária catalã e espanhola da segunda metade do século XX, essencialmente entre os anos 70 e 90, Roig contribui significativamente para a reflexão acerca do processo de transição espanhola que se instaurou após o fim do regime franquista em 1975, para a recuperação das memórias acerca do passado do Estado espanhol, ao longo do século XX e para a discussão acerca dos direitos da mulher, além de promover profundas reflexões sobre outros temas atuais para a época.

Boa parte da crítica que trata da literatura catalã do século XX defende que Montserrat Roig pode ser considerada como parte de um grupo de escritores denominado “*generación de los 70*”. Esta geração, segundo Cabanyes e Graells (2004), embora não se considerasse como tal, apresentava uma série de características comuns, que vão além do fato dos autores que a compõem terem nascido por volta da década de 50.

Para os autores, que elencam uma série de motivos para que este grupo de escritores seja considerado uma geração literária, esta geração é formada por escritores que nasceram no pós-guerra e vivenciaram as dificuldades dessa realidade, como a censura aos meios de comunicação, o racionamento e a existência de diversas restrições, de natureza material ou moral. Esses artistas, já na juventude, começam a ver o surgimento de alguns acontecimentos que marcam a abertura de políticas na Espanha no que se refere ao turismo, à imprensa e mesmo, gradativamente, à política.

Além disso, esses escritores eram, em certa medida, autodidatas e, em anos de ditadura com a proibição do uso de outras línguas no território espanhol que não o castelhano e com censura instaurada pelo Estado, tiveram acesso à sua cultura catalã de formas alternativas.

Por outro lado, ainda para Cabanyes e Graells (2004), estes artistas estavam profundamente marcados e influenciados pelos meios de comunicação com os quais sempre conviveram, além de reconhecerem a imposição de uma sociedade de consumo, que muitos criticam. Vivenciaram também o *boom* editorial dos anos 60 e se beneficiaram dele, sendo um grupo que começa a se profissionalizar no campo literário.

Alonso (2003) denomina essa geração como a de 75, algo não muito distante do que haviam proposto Cabanyes e Graells, e a define com as seguintes palavras:

La generación del 75 está integrada por aquellos novelistas que, salvo excepciones, nacen entre 1939 y 1949, viven su infancia en la posguerra, comienzan a publicar en la década de 1970, la mayoría después de la muerte de Franco, protagonizan el cambio narrativo de la Transición y llegan a su madurez en la década de 1980. Son escritores que se educan, por tanto, en el realismo social y, sobre todo, en la renovación narrativa de los 60, tendencia que sin duda les seduce en un principio. Sin embargo, poco duran sus adhesiones a la experimentación, ya que pronto reaccionan contra ella en un intento de moderar sus excesos y clarificar sus estructuras narrativas (ALONSO, 2003, p. 44)

Acrescentando algo à definição de Cabanyes e Graells, Alonso defende que essa geração não só tem vivências históricas comuns, mas influências literárias e tendências estéticas inovadoras, que, de certa maneira conferem-lhes uma identidade. Ademais, a produção literária dessa geração estaria, segundo Rosselló Bover (2000, p. 33), muito influenciada pela ideologia marxista e representaria o inconformismo da época, de forma que em “*su novelística se puede*

observar una constante reivindicación de la libertad y una revisión crítica de los principales ejes de la sociedad: la familia la religión, el sexo, el poder político y económico, etc”.

Neste sentido, pode-se considerar que tais escritores, fruto de sua época, filhos e sobreviventes da ditadura, imprimem em seus escritos não só sua visão de mundo como também seu desejo de revisão da organização social e de poder em um país onde, por muitas décadas, a liberdade, num sentido amplo, foi negada. Fazem da literatura um instrumento de denúncia, de representação de uma leitura crítica da realidade e de valorização da cultura local.

Pensando, ainda, na produção desses artistas, Alonso agrega que a inovação presente em suas obras, especialmente no que se refere à narrativa, estaria relacionada, a princípio, à recuperação de técnicas narrativas tradicionais associadas às renovações promovidas pelas gerações que os antecederam, adicionando a elas sua própria contribuição, suas próprias experimentações estéticas. Para ele

Los novelistas se ponen como meta ante todo “contar” una historia, con una actitud y una finalidad específicamente literarias, bien mediante la actualización (sic) del realismo, renovado con la introducción de elementos oníricos, subjetivos, imaginativos o fantásticos que también forman parte de la realidad, bien a través de la fantasía y la imaginación, e incluso el humor. (ALONSO, 2003, p. 45)

Essa renovação estética muitas vezes se visualiza na fragmentação narrativa; na introspecção e subjetividade dos personagens; na inserção de paisagens oníricas – influenciadas pela psicanálise que na segunda metade do século XX se popularizou –; ou pela incorporação de ideologias políticas e sociais, além da valorização da cultura catalã, silenciada por décadas, e da proposta de recuperação da memória dos anos cinzentos da Guerra Civil e da ditadura.

Essas formas de narrar diferenciadas fazem recordar o pensamento de Adorno (2003), que ao discutir o romance contemporâneo a partir da figura do narrador, considera que já não é possível narrar como antes. Para ele, o romance, fruto do pensamento burguês, precisa da narração, mas paradoxalmente, o narrador já não pode narrar como o fazia anteriormente, buscando representar artisticamente um universo que parecesse recriar o real.

Adorno considera que “do ponto de vista do narrador, isso é uma decorrência do subjetivismo, que não tolera mais nenhuma matéria sem transformá-la, solapando assim o preceito épico da objetividade” (2003, p. 55). Assim, a objetividade narrativa, para ele, já não tem mais espaço em um mundo onde nem tudo é objetivo e claro. Narrar algo vai além de narrar o óbvio e a narrativa transforma-se no espaço para narrar aquilo que não pode ser representado por um simples relato.

Experiências traumáticas como a guerra, vivências de violência em geral, principalmente depois dos acontecimentos da primeira metade do século XX, não podem simplesmente ser relatadas e mesmo a sua tentativa, como diz o autor, seria encarada com ceticismo pois “o que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e contínua que só a postura do narrador permite” (ADORNO, 2003, p. 56). Frente a uma realidade entendida de forma subjetiva, novas formas estéticas devem ser desenvolvidas. Já não há tantas certezas sobre a realidade e essa visão diferenciada sobre o mundo se reflete na arte. As formas antigas não são esquecidas, mas adaptadas a outras maneiras de narrar.

A discussão proposta por Adorno, de certa maneira, coincide com a proposta por Benjamin (1994) em seu famoso texto “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, no qual, ao analisar a obra do escritor Nikolai Leskov, considera que a habilidade de narrar está em vias de extinção. O que ele afirma é que as experiências da violência, especialmente da guerra, não são passíveis de serem narradas como antes: essas experiências traumáticas precisariam de outras formas de representação que não a tradicionalmente realista.

Essa impossibilidade de narrar como antes, apontada por Adorno e Benjamin, gera a necessidade de desenvolvimento de outras formas de narrar, como as que se desenvolvem ao longo do século XX. Pensando especificamente na obra de Montserrat Roig, o que se observa é a construção narrativa fragmentada e polifônica, frente à qual o leitor deve se posicionar, não somente dando ordem ao discurso, mas também lhe dando sentido a partir de suas experiências, inclusive as literárias.

Roig é dessas escritoras que vivenciam as suas crenças. Nascida em junho de 1946 em uma família de classe média em Barcelona, na juventude se envolve com o teatro e se licencia em Filosofia e Letras na *Universitat de Barcelona*. Nessa época se envolve com grupos políticos de esquerda – *Universitat Popular* (UP) – e participa de diversas manifestações contra a ditadura franquista.

Filia-se, em 1968, ao *Partit Socialista Unificat de Catalunya* (PSUC) e tem nele participação ativa e significativa defendendo e discutindo questões relacionadas à organização política do país, à anistia e nova constituição – após a morte de Franco –, além de pautas feministas, defendendo os direitos das mulheres e uma outra visão do seu lugar na sociedade catalã e espanhola. Abandona o PSUC um ano e meio depois e volta a afiliar-se ao partido em 1972, mantendo-se nele até 1978. O fato de não estar filiada ao PSUC, porém, não significa que não mais atuasse politicamente: segue militando pela causa das mulheres e pela

conscientização histórica e política da população durante toda a sua vida. Seus escritos, em geral, refletem seus posicionamentos ideológicos e sua visão de mundo.

Em uma entrevista dada em dezembro de 1978 ao jornal *La Vanguardia* (p.19), respondendo a uma questão sobre seu êxito em um mundo machista e militância em um partido político dirigido por homens, comenta:

Milito en un partido, pero asumo las contradicciones. Creo que las feministas íntegras que sólo militan en el feminismo, tienen gran parte de razón al denunciar el poco caso que les han hecho los partidos de izquierda ante el problema de la liberación de la mujer. Pero yo no puedo liberarme de otros tipos de solidaridad. Mi militancia es un proceso continuo, me cuestiono sobre él continuamente y temo, por otra parte, los fanatismos. Sé que no tengo la verdad, la única verdad. Pero lo que me apasiona es su búsqueda, más que la verdad en sí. (ROIG, Montserrat, entrevista concedida a GUARDIA, 1978, p.19)

Além da escrita literária, a autora trabalha e colabora como jornalista em diversos periódicos da Espanha, dirige e apresenta programas de televisão, leciona em universidades na Inglaterra (Bristol), na Escócia (Glasgow) e nos Estados Unidos (Arizona). Vale ressaltar que ainda em vida Roig, tanto por suas obras quanto por sua participação nos meios de comunicação, é uma escritora reconhecida e muito popular. Escreve essencialmente em catalão, sua língua materna, e afirma que escrever em castelhano é para ela como escrever em uma língua alheia, na qual não se sente confortável. Comenta:

Amigos de boa-fé querem me convencer de que sou bilíngue. Diria, mais acertadamente, que sou esquizofrênica, uma doente das línguas. Escrevo em castelhano e sou uma, escrevo em catalão e sou outra. Mas talvez seja mais eu quando falo a língua dos meus, quando escolho a minha fala. Em castelhano, sinto-me como se estivesse do outro lado da peneira, o ofício me limita e me salva. As palavras chegam a mim peneiradas pelos dicionários – como agradeço à santa María Moliner! –, amparam-me, mas não me conquistam... se não, me convence disso um grande escritor em língua castelhana. Porém a minha avó não queria me convencer, envolvia-me falando comigo em catalão. Não a perdi totalmente quando morreu, ficava comigo a sua língua. (ROIG, 2001a, p. 47 – tradução minha)¹

E escrevendo em catalão recebeu prêmios literários importantes como o *Premi Victor Català*, em 1970, por *Molta roba i poc sabó... i tan neta que la volen* (traduzida ao castelhano como *Aprendizaje sentimental*), seu primeiro livro de ficção; o *Premi Sant Jordi de novel·la*, em 1976, por *El temps de les cireres* (publicada em castelhano como *Tiempo de*

¹ Texto original em catalão:

Amics de bona fe em volen convèncer que sóc bilingüe. Més aviat diria que esquizofrènica, malalta de llengües. Escric en castellà i en sóc una, escric en català i en sóc una altra. Però potser sóc més jo quan enraono la llengua dels meus, quan n'elegeixo la parla. En castellà, em sento com si fos a l'altra banda del sedàs, l'ofici em limita i em salva. Les paraules m'arriben tamisades pels diccionaris – com ho agraeixo a santa María Moliner! –, em receren però no m'enamoren... si no me'n convenç un gran escriptor en llengua castellana. Però l'àvia no em volia convèncer, m' envaïa tot parlant-me en català. No la vaig perdre del tot quan es va morir, me'n quedava la llengua.

cerezas); o *Premi Crítica Serra d'Or*, em 1978, por *Els catalans als camps nazis* (traduzida ao castelhano como *Noche y niebla. Los catalanes en los campos nazis*) e o *Premi Nacional de Literatura Catalana*, em 1985, por *L'agulla daurada* (traduzida ao castelhano como *La aguja dorada*); entre outros.

Montserrat Roig faleceu, prematuramente, em novembro de 1991, vítima de um câncer de mama, contra o qual lutou por alguns anos. Vale destacar que como mulher intensa que era, escreveu sempre, tendo publicado o seu último texto, um artigo para o jornal *Avui*, na véspera de sua morte.

Deitando o olhar sobre a obra de Roig, pode-se dizer que ela adota uma mirada muito específica para o cotidiano, dando um lugar central a personagens comumente marginalizados. Dessa forma, as mulheres são o foco a partir do qual se ilumina um retrato da sociedade catalã, especialmente de classe média. Esse retrato, construído por palavras, busca registrar uma realidade que não costuma ser registrada pelo discurso historiográfico. O dia-a-dia de famílias, hábitos familiares, memórias de tempos difíceis, histórias que se desenvolvem à margem dos grandes acontecimentos históricos, a vida de gente comum que sobrevive, apesar de tudo, são transformados em palavras que não deixam que se percam e os imortalizam.

Seria possível considerar que, nesse sentido, a obra de Roig trata de registrar aquilo que Miguel de Unamuno (1979) denominou *intrahistoria*, algo que guardaria em si as histórias das pessoas que não figuram nos livros de história, mas que a cada dia fazem a história da Espanha ao desenvolverem suas atividades. As pessoas que vivem e constroem o seu cotidiano carregam consigo os valores e a cultura do país.

Claro está que Roig não defende a ideia de Espanha enquanto nação. Ao contrário, como defensora de sua cultura, Roig busca defender e representar uma identidade distinta daquela tipicamente castelhana. Mas a ideia de representar as pessoas, em especial as mulheres catalãs – muitas vezes esquecidas e ignoradas nos discursos da história – que, por um lado se encontram em um lugar vulnerável pelo simples fato de terem o sexo feminino e, por outro, contraditoriamente, podem desenvolver um papel importante no meio em que se encontram, busca recuperar memórias de um grupo que, embora por muito tempo silenciado, desenvolve um papel importante na construção do presente e da história. É como comenta Dupláa:

Como en el caso de otras mujeres, la participación de Roig en el movimiento feminista de los años setenta modeló su respuesta al discurso androcéntrico. Ella fue siempre plenamente consciente de su condición marginal como mujer y catalana en la sociedad patriarcal y castellanocentrista de la España del siglo XX. Roig sabía que las mujeres están minusvaloradas en la cultura dominante y que el catalán, al igual que otras lenguas minoritarias de la nación (como el gallego y el vasco), está desplazado a los márgenes de la cultura española dominante. La solidaridad de Roig

con los marginados la llevó a enfrentarse con la necesidad de recuperar la memoria de las mujeres que vivieron su propia realidad en función de unos mitos y modelos sociales creados precisamente para usurpar a las mujeres la libertad en su cotidianidad. Tales modelos sociales y tradiciones culturales relegaron a la mujer a la esfera doméstica y al silencio absoluto. (DUPLÁA, 2005, p. 305)

Assim, a obra de Roig, que abrange romances, contos, ensaios, artigos jornalísticos, entrevistas e programas de televisão, estaria, segundo Maria Àngels Francés-Díez (2012, p.97 – tradução minha), dividida em três grandes eixos: “Feminismo, memória e testemunho são os três eixos transversais através dos quais é possível reunir não só a sua obra ensaística e jornalística, como também a literária”². Porém, discordando parcialmente de Francés-Díez e ampliando sua ideia, pode-se dizer que seria possível considerar que a obra de Roig está mais centrada no que se pode denominar como eixos feminista, memorialístico/histórico e de reflexão sobre a literatura. A diferença, neste caso, se refere à ideia de que o segundo eixo abarcaria não somente a memória, como também o testemunho e a própria história, num processo de recuperação e reflexão sobre o passado, que não deixa de incluir a discussão e a reafirmação da identidade catalã sufocada pelo regime franquista. Além disso, percebe-se ao longo de toda a produção da autora uma preocupação pelo processo de produção literária, que se reflete, muitas vezes, inclusive, dentro das próprias obras.

É possível considerar, também, que esses eixos, definidos mais como um meio de organizar as leituras das obras, misturam-se e dialogam de forma intermitente: a discussão do passado, da memória e mesmo da memória coletiva não anula a reflexão sobre o lugar da mulher na família e na sociedade. Além disso, a identidade catalã está intimamente relacionada à memória, à língua e aos papéis sociais desempenhados pelos que se consideram parte dessa herança. E finalmente, a literatura acaba ocupando um lugar de prestígio ao propor revisitar essas temáticas, o que geraria questionamentos sobre sua capacidade e meios de representação.

Esse processo de recuperação do passado a partir de um ponto de vista diferenciado, retira o foco dos “grandes personagens” e dá voz àqueles que se encontram à margem, promovendo a reflexão sobre história, diferentes papéis sociais e literatura. A representação do passado é alvo de diferentes pensadores das áreas de filosofia, história e literatura, entre outras, e o modo como o passado é representado, em forma narrativa, quando analisado mais de perto, demonstra a fragilidade e vaporosidade das fronteiras entre saberes. Até que ponto a história

² Texto original em catalão:

Feminisme, memòria i testimoni són els tres eixos transversals a través dels quals podem embastar no solament la seua obra assagística i periodística, sino també la literària.

tem algo de literatura, se a literatura pode ser documento histórico, são questionamentos que se impõem atualmente.

Nesse sentido, pode-se inserir a obra de Roig no que se costuma denominar como pós-modernismo. Linda Hutcheon (1991), tratando da temática, tão controversa no meio da crítica, afirma que o pós-modernismo “é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia” (HUTCHEON, 1991, p. 19), tendo, para ela, um caráter histórico e político que promoveria uma reelaboração crítica do passado. Para a autora, o pós-modernismo também pode estar muito relacionado à cultura de massa, que desafia e, a partir desse desafio, promove a diferença. Na literatura, o romance é um gênero que pode manifestar o pós-modernismo a partir do que denomina “metaficção historiográfica”, que para ela são obras auto-reflexivas que se apropriam de acontecimentos e personagens históricos na ficção, promovendo a reflexão sobre o passado e inclusive sobre suas formas de representação.

Assim, este trabalho se organizou de maneira a verificar como se concretizam os eixos temáticos da obra de Roig nos romances: *Ramona, adéu*, publicado em 1972, *El temps de les cireres*, publicado em 1977 e *L'hora violeta*, publicado em 1980 (obras traduzidas ao castelhano respectivamente como *Ramona, adiós*, *Tiempo de cerezas* e *La hora violeta*). A seleção desses romances não foi aleatória, uma vez que considero que formam uma trilogia, um projeto da autora focado na memória, tanto do passado da Espanha, especialmente da Catalunha, no século XX, até o fim da ditadura franquista, como da história das mulheres, ou da própria literatura, transformando os eixos que compõem a obra de Roig em um emaranhado que forma um todo significativo.

A defesa de que estas obras formam uma trilogia se dá por vários motivos: a existência de histórias de personagens que se desenvolvem entre as três obras; acontecimentos históricos recuperados que têm um retrato completo somente com a leitura do conjunto de romances e, finalmente, o comentário de Roig publicado, junto à árvore genealógica das duas famílias de personagens dos romances, antes do início de *L'hora violeta*, última obra da trilogia, que diz: “Alguns dos personagens de *L'hora violeta* aparecem também em *Ramona, adéu*, ou em *El temps de les cireres*. A fim de ajudar o leitor, organizei a árvore genealógica das duas principais famílias que aparecem nelas” (ROIG, 1981, p. 9 – tradução minha)³. Parece-me que o comentário da autora é mais um convite para a leitura das obras anteriores que um apoio para a leitura do romance, pois a existência dessa árvore genealógica pouco interfere em sua leitura.

³ Texto original em catalão:

Alguns dels personatges de *L'hora violeta* surten també a *Ramona, adéu*, o bé a *El temps de les cireres*. Per tal d'ajudar el lector, he confeccionat l'arbre genealògic de les dues principals famílies que hi tenen un paper.

Percebe-se na leitura dos romances em bloco uma continuidade das histórias e, embora seja importante ressaltar que cada obra pode ser lida separadamente sem prejuízo para seu sentido, a leitura das três evidencia um projeto literário organizado no qual cada uma delas se imbrica e se completa na outra. Assim, eventos são observados a partir de pontos de vista de personagens diferentes ou histórias de personagens são fragmentadas entre os romances, trazendo à sua leitura uma complexidade instigante.

Em *Ramona, adéu*, são narradas as histórias de três “Ramonas”, três gerações de mulheres de uma mesma família de origem burguesa, que discorrem sobre suas ambições, sucessos amorosos, medos, enfim, sobre suas vidas, seu cotidiano. Em meio às suas narrativas se desenvolvem acontecimentos importantes em três etapas da história catalã e, em alguns momentos, espanhola – o fim do século XIX e início do século XX, a década de 1930 e a de 1960. Cada um desses momentos é observado e vivenciado por uma das personagens chamadas “Ramona” (embora, no caso das mais jovens, eventualmente suas antecessoras participem de suas histórias como personagens secundários). Tais acontecimentos são tratados e apresentados sob o olhar individual das protagonistas, um olhar comprometido com o meio e lugar que elas ocupavam como mulheres.

Quanto à forma, pode-se dizer que o romance aparentemente se organiza como um diário, o da Ramona avó, no qual se indicam datas e onde esse gênero tenta ser reproduzido. Porém, em meio ao discurso de Ramona, inserem-se, sem uma ordem determinada, as histórias das duas outras Ramonas: a sua filha e sua neta. Assim, em meio ao diário e a voz que o conduz, se apresentam duas narrativas que, de forma fragmentada, vão se construindo. Desta maneira, cabe ao leitor organizar, como em um quebra-cabeças os discursos apresentados pelas narrativas. Organizando tais discursos e relacionando-os, percebe-se que cada um deles, embora trate de uma história individual, se completa no outro e forma, com isso, uma perspectiva que é capaz de recuperar a memória histórica de Barcelona, a memória do cotidiano e das mulheres do fim do século XIX à segunda metade do século XX. Dentro do projeto de Roig, esse romance é o que mais se preocupa por apresentar e recuperar o passado. Ele abre caminho para os próximos romances que têm um aspecto mais reflexivo acerca das memórias relacionadas à Barcelona do período pré e pós franquismo.

Em *El temps de les cireres* é apresentada a personagem Natàlia, da família Miralpeix, que também forma parte de *L'hora violeta*. Nesse romance, a personagem retorna a Barcelona depois de muitos anos fora do país e se depara com a realidade ditatorial que pouco muda após o período que vive no exterior. Essa obra parece representar o início do processo

reflexivo que chega ao auge em *L' hora violeta*. Observa-se que Natàlia, com seu retorno, além de ter de se readaptar à realidade que a cercava, também tem de se reconciliar com o passado doloroso que a fez deixar o país. Desse passado, que representava o início de sua tomada de consciência social e política, também sobressaía uma relação complicada com a família, principalmente com os pais.

Os pais de Natàlia, que se conheceram no início do século XX, tiveram suas vidas marcadas de forma violenta pela Guerra Civil, o que modificou sua relação com o mundo e com a família permanentemente. O percurso de Natàlia para reconciliar-se com a família e com seu passado obrigatoriamente passa pela necessidade de conhecer o passado dos pais – algo que se inicia nesse romance e que termina somente em *L' hora violeta*. Nesse sentido, poder-se-ia pensar essa obra como uma representação da necessidade de rever o passado para compreender e transformar o presente.

L' hora violeta, último romance da trilogia, é a obra na qual a autora como já se disse, indica, ainda que sutilmente, a existência de uma relação entre os três romances. Assim, como parte de um projeto maior e como obra que o encerra, em *L' hora violeta* pode-se perceber que os temas que se desenrolaram nos romances anteriores se unem e possibilitam desenvolver uma visão mais completa do projeto literário de Roig. A narrativa é construída em torno de um fio condutor – um pedido de Natàlia a Norma – no qual a primeira pede à amiga que escreva, a partir de algumas cartas e outros documentos, a história de sua mãe Judit e de sua amiga Kati, que se conheceram durante o início da Guerra Civil.

Em meio a tantas histórias, organizadas de forma não-linear, desenha-se novamente o panorama da história de Barcelona ao longo do século XX. Desde a vida de Judit e Kati, no início e ao longo da Guerra Civil, à vida de Natàlia e Norma, no final da ditadura, a obra mantém seu compromisso de recuperar as pequenas histórias do cotidiano que contribuem com a construção do passado. Nessa obra percebe-se também um discurso feminista mais claro que nas outras obras e, ao mesmo, tempo questionamentos sobre o lugar da mulher na sociedade e acerca do próprio movimento feminista.

A estrutura da obra é complexa e fragmentada. Sua narrativa é composta por uma grande interlocução de vozes e de gêneros literários, além de um diálogo explícito com outras obras da literatura universal – como, por exemplo, a *Odisseia*, de Homero –, fazendo com que o leitor seja obrigado a unir fragmentos para dar sentido à leitura. Essa fragmentação, que povoa não só essa obra, como também as outras da trilogia, mais que apenas um recurso literário, parece ser uma representação do estado em que se encontram as memórias e a própria história

do passado recente: fragmentos que devem ser reunidos para que tal passado seja compreendido e recordado. Pensando especialmente no caso da história das mulheres, a questão é mais séria, pois não há uma história que trate delas, que as considere, e esses fragmentos podem representar essa necessidade de recuperação, organização e de conhecimento dessa história.

Outro elemento abordado é o “problema” da criação literária. A questão da possibilidade e da habilidade de representação dos acontecimentos e do passado faz parte das reflexões de Norma e de Natàlia. Vale recordar que o eixo em torno do qual se estrutura *L’hora violeta* é a escrita de um romance, que no contexto da narrativa acaba recebendo como título “*L’hora violeta*”. O fato de que o romance que está escrevendo Norma tenha o mesmo título da obra de Montserrat Roig, abre caminho para a interpretação do romance desde a perspectiva da metaficção: *L’hora violeta* traz dentro de si o processo de escritura dela mesma, ainda que ficcional. É como se toda a obra representasse a necessidade de recuperar as memórias do passado e, ao mesmo tempo, se questionasse acerca da possibilidade de fazê-lo.

Com isso, a busca de Natàlia, e depois também a de Norma, por representar o passado de sua mãe é uma tentativa de revisar, compreender e reconciliar-se com um passado que não é registrado de forma oficial e que está guardado com os que vivenciaram outra época. Essa busca acaba sendo uma extensão de suas ações iniciadas em *El temps de les cireres*.

Mas *L’hora violeta* traz em si algo que a distingue das outras obras da trilogia: um olhar para o futuro. Sua ação se desenvolve no final do franquismo e nela é possível perceber uma espécie de tentativa de representar o quanto muitos estavam perdidos com a mudança que se imprimia na realidade do território Espanhol e o quanto era importante recuperar e não esquecer o passado para seguir adiante. *L’hora violeta* representa o fim de uma época e aponta para um futuro que se construirá a partir disso.

Dessa forma, pode-se dizer que este trabalho propõe uma leitura dos três romances de Roig considerando-os uma trilogia que representa a concretização de um projeto literário. Esse projeto estaria constituído por uma defesa da valorização da memória, tanto relacionada ao passado cotidiano, como à história das mulheres, promovendo uma visão revisionista e uma proposta de reflexão sobre história catalã do século XX, concentrada na representação das mulheres e do olhar feminino e feminista sobre a sua própria história e realidade.

Buscou-se demonstrar, assim, que as relações que se estabelecem entre literatura e memória, nesse conjunto de obras de Roig, contribuem para a reconstrução ficcional de um período importante do passado catalão. Pode-se afirmar que essas obras formariam aquilo que Hutcheon (1991) define como romances de metaficção historiográfica. Mais especificamente,

é possível dizer que a ideia de que a ficção, nesse contexto, transforma-se num meio de recuperar, preservar e reavaliar momentos históricos importantes considerando o ponto de vista do cotidiano, representado pelo olhar das mulheres.

Ao considerar a ótica do cotidiano pelo olhar feminino, é possível dizer que ressalta nas obras um foco diferenciado: o passado é revisitado e apresentado desde um ponto de vista feminino e/ou feminista, transferindo para a mulher a capacidade de avaliar e reconstituir a realidade presente e passada. Essa recuperação do passado das mulheres, construída por um viés feminino, permite que se contribua para a arqueologia e escrita de uma história das mulheres por elas mesmas, algo reivindicado pelo pensamento feminista até os dias atuais.

Ademais, este trabalho analisou também a construção dos romances no que se refere ao seu entramado estrutural. A utilização da metaficção, da autoficção, da intertextualidade e da polifonia, além da forma como são construídos a narrativa e os personagens, foram elementos observados a fim de compreender a complexidade estética da trilogia, que acredita-se, está associada a uma ideia de literatura mais aberta, que delega ao leitor a responsabilidade pelos sentidos de sua leitura, transformando a obra em uma espécie de jogo de quebra-cabeças, no qual as peças podem ser ordenadas de formas diversas, dependendo de quem as lê.

Para o desenvolvimento das análises, além da bibliografia selecionada, também se contou com outras obras de Roig, de caráter ensaístico ou não, como *Digues que m'estimes encara que sigui mentida* (1991), *¿Tiempo de mujer?* (1980), *El feminismo* (1981), *Els catalans als camps nazis* (1977) e *L'autèntica Historia de Catalunya* (1990), entre outros⁴. O uso dessas obras contribuiu para uma leitura dos romances associada ao projeto literário da autora.

O trabalho está organizado em três capítulos, cada um analisando os romances com foco em uma das temáticas centrais da obra de Roig: o primeiro trata da questão da recuperação e reavaliação do passado; o segundo da representação da mulher e do feminismo; e o terceiro trata da construção estética das obras. Com essa organização temática se teve por objetivo analisar os romances de forma mais completa, inserindo-os não só no projeto literário da trilogia, mas no projeto literário de toda a vida de Montserrat Roig.

O primeiro capítulo intitulado “A história como um quebra-cabeças”, discute as relações entre literatura e memória, passando pelo conceito de memória coletiva, de romance histórico e de metaficção historiográfica para então verificar de que maneira o passado é representado e recriado nos romances.

⁴ Os títulos em português para essas obras seriam: *Diga que me ama, ainda que seja mentira*, *Tempo de mulher?*, *Mulheres em busca de um novo humanismo*, *Os catalães nos campos nazistas* e *A autêntica história da Catalunha*. (a tradução é minha)

Para isso, a princípio se fez uma breve discussão sobre o período de transição espanhola, em que foi escrita trilogia, discutindo o lugar da memória e de sua preservação na obra de Roig. Em seguida, foram apresentadas discussões sobre as relações entre memória coletiva, história e literatura a partir das quais se apoiaram as análises dos romances. Finalmente foram apresentadas as análises dos romances, observando como o passado foi representado neles, assumindo um sentido revisionista, a partir do cotidiano em foco. Neste capítulo, o passado foi visto como material inspirador da ficção, como objeto avaliado criticamente e como elemento que constrói o presente e promove a reflexão a partir da criação ficcional.

Assim, as análises dos períodos e acontecimentos históricos representados nas obras foram organizadas e apresentadas em dois momentos: o primeiro trata de observar o período histórico que compreende a história catalã e espanhola a partir do fim do século XIX e as três décadas do início do século XX até a Guerra Civil espanhola (1936-1939); e o segundo analisa os acontecimentos que se desenvolvem da ditadura franquista (1939-1975) até o início do período de transição (1975-1978). Embora os acontecimentos não apareçam nos romances organizados de forma cronológica, a opção por organizá-los cronologicamente nesse capítulo possibilitou que se desenvolvesse uma análise histórica mais clara, evidenciando-se o posicionamento crítico da trilogia frente ao discurso histórico corrente.

O segundo capítulo, denominado “O feminino em vitral”, discute, partindo principalmente dos estudos feministas, a forma como as personagens mulheres foram representadas e atuam no seu meio social ou familiar, de acordo com a época retratada nos romances. Além disso, foi analisada a forma como se (re)construiu um universo simbólico em torno ao feminino ao longo da trilogia.

A princípio se discutiu a história das mulheres, relacionando-a à forma como se organizaram ações feministas pontuais, especialmente no começo do século XX, e como se organizou o movimento feminista na Espanha, a partir dos anos 60. A apresentação desse histórico é importante porque situou os romances historicamente e possibilitou uma interpretação mais contextualizada das narrativas, tanto no que se refere ao momento em que foram escritos, como em relação ao conteúdo das obras, que, como se disse, concentram-se na narrativa da história de personagens mulheres do fim do século XIX até a transição, especialmente nos primeiros anos após a morte de Franco.

Depois, foi analisada a forma como se constrói um universo simbólico feminino próprio ao longo da trilogia. Foi possível observar como mitos advindos das culturas greco-latinas ou judaico-cristãs são lidos a partir de olhos femininos, rechaçando a tradicional leitura

patriarcal propagada por séculos. Assim, mitos femininos como Circe ou Eva são compreendidos como a representação de mulheres independentes e transgressoras, livres e inteligentes, a ponto de se negarem a simplesmente obedecer. Ademais, essas mulheres míticas são apresentadas como indivíduos que têm desejos – inclusive sexuais – e que se permitem vivenciá-los, buscando a satisfação. Além desses mitos clássicos, a trilogia explora também as figuras míticas que foram surgindo com o passar dos anos e que já ocupam um bom lugar em nosso imaginário, como Greta Garbo e Coco Chanel no âmbito internacional, ou a Pasionaria, no âmbito da Espanha. Essa leitura acerca da subversão da visão tradicional dos mitos femininos impressa por Roig nos romances permitiu que se reconhecesse como essa imagem simbólica da mulher, construída em feminino, permite o fortalecimento, a conquista da autoconfiança e a luta pela independência das mulheres.

A última parte do capítulo se concentrou na própria história da mulher, suas relações com os homens e com a sociedade em geral que se observa na trilogia. Com isso, pretendia-se reconhecer o percurso histórico do “lugar” da mulher na sociedade catalã ao longo do século XX e compreender como a revisão da imagem simbólica feminina contribui para uma visão e construção da mulher fortalecida ao longo das narrativas. O que se buscava era identificar o olhar crítico sobre o lugar social da mulher na sociedade catalã e espanhola da época, detectando as relações entre o passado e o presente – do momento em que se escreveram as obras –, considerando as discussões e reivindicações relacionadas aos direitos da mulher.

O desejo feminino, nesse contexto é um espaço de liberdade, poder e transgressão feminina. Assim, ao observar a representação da mulher no âmbito social, observou-se também a forma como as personagens expressam e vivenciam os seus desejos, algo que, paradoxalmente, mostra-se como um espaço de poder sobre si mesmas, o mesmo poder que lhes era negado socialmente em diferentes momentos históricos.

Essa leitura permitiu deslocar a mulher de um espaço periférico na literatura para um lugar central. Considerando a função social que a literatura pode desenvolver, neste caso, pode-se dizer que a trilogia de Roig desenvolve um papel conscientizador no sentido de que promove a discussão e reflexão sobre o feminino e o feminismo, mesmo porque os próprios romances podem ser lidos uma representação da história das mulheres e do feminismo na Catalunha.

O terceiro capítulo, que tem como título “Atelier literário”, analisa a forma como são construídos os romances considerando a utilização de diferentes técnicas narrativas como a intertextualidade, a metaficção e a autoficção. O objetivo deste capítulo era analisar como a

forma estética adotada por Roig contribui para a realização de seu projeto literário, promovendo a reelaboração do passado, a revisão do lugar das mulheres na história e a reflexão sobre o papel da literatura e seu alcance nesse contexto.

A primeira parte do capítulo apresenta a visão de Roig sobre a literatura, seu papel político e social e a forma como seu projeto literário está intimamente ligado a uma visão de literatura centrada em um compromisso com a sociedade. Nesse sentido, a construção da trilogia foi interpretada como um projeto estético intimamente relacionado com o projeto ideológico de Roig. Para essa análise, então, foram considerados diferentes textos da escritora, além da crítica feita sobre sua obra.

A segunda parte do capítulo analisou a forma como a intertextualidade compõe a trilogia. Partindo do trabalho de Tiphaine Samoyault (2008) sobre a intertextualidade, no qual a autora aponta para a relação da literatura com a memória e para a ideia de que o fazer literário é parte de um eterno processo de rememoração, tinha-se o objetivo de desenvolver uma análise dos romances considerando as alusões e diálogos das narrativas com outras obras da tradição literária. Nesse sentido, o que se defendeu é que a trilogia foi composta a partir de uma relação íntima com a tradição literária e artística que a antecede, definindo a impossibilidade de dissociação da literatura de sua própria memória, construída coletivamente, assim como a memória coletiva acerca do passado silenciado pela ditadura. O que se crê é que na trilogia, essas duas memórias convivem, interagem e contribuem para dar sentido ao passado, à literatura e às suas relações com o ser humano.

A terceira parte do capítulo trata do uso da metaficção e da autoficção nas obras. Entendeu-se que essas técnicas narrativas atuam como uma forma de evidenciar o processo criativo da obra de arte, criando um jogo autorreflexivo em relação à trilogia, à literatura, à autoria e à própria possibilidade de representação da realidade. Os grandes temas abordados pela trilogia, a recuperação da memória silenciada e a revisão da história das mulheres, assumem outra perspectiva ao se considerar a reflexão proposta pela metaficção e pela autoficção, já que a construção ficcional se mostra como parte de um projeto literário complexo que reúne diferentes temáticas sob um mesmo teto. Assim, a memória demonstrou ser o eixo central das obras - a memória sobre o período anterior ao fim do franquismo, a memória das mulheres e a memória da literatura – mas frente a esta proposta de representação surgia o questionamento metafictional. No fim das contas, notou-se que a resposta a esse questionamento é a própria existência da trilogia, ou seja, a literatura, a arte, é capaz de criar mecanismos para representar a memória, o que para Roig é um dever ético.

Dessa forma, finalmente, pode-se dizer que este trabalho buscou reconhecer e comprovar o fato de que os romances de Montserrat Roig *Ramona, adéu, El temps de les cireres* e *L'hora Violeta*, formam uma trilogia, que representa o projeto literário de Roig. Considerou-se que esse projeto defenderia dois preceitos essenciais, o primeiro seria a necessidade de representação da memória, seja ela relacionada ao passado de um povo ou das mulheres, dando voz a grupos marginalizados e à memória coletiva, ou da própria literatura, como algo que faz parte do imaginário de leitores e escritores. O segundo seria a ideia de que a literatura como expressão artística é capaz de produzir obras que representem essas memórias. Assim, pôde-se afirmar que o projeto literário de Montserrat Roig apresenta a literatura como uma manifestação artística que é capaz de revisar, reelaborar e propor reflexões sobre o passado, sobre sua representação e, sobretudo, sobre o próprio processo de representação literária.

REFERÊNCIAS

ABAD BUIL, Irene. El papel de las “mujeres de preso” en la campaña pró-amnistia. **Entrelequia**: Revista Interdisciplinar. Número 7, set. 2008, monográfico, p. 139-151. Disponível em: <<<http://www.eumed.net/entlequia/pdf/2008/e07a07.pdf>>> Acesso em 21 dez. 2015.

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p. 55-63.

AGUSTÍ, David. **Historia de Cataluña**. Madrid: Sílex ediciones, 2014a.

AGUSTÍ, David. **Història breu de Barcelona**. Barcelona: Editorial Comanegra, 2014b.

ALBERCA, Manuel. **El pacto ambiguo**: de la novela autobiográfica a la autoficción. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

ALCALDE, Carmen. **Mujeres en el franquismo**. Exiliadas, nacionalistas y opositoras. Barcelona: Flor del viento Ediciones, 1996.

ALONSO, Santos. **La novela española en el fin de siglo 1975-2001**. Madrid: Mare Nostrum, 2003.

ALPERT, Michael. “Una trompeta lejana”. Las Brigadas Internacionales en la Guerra de España: Una reconsideración sesenta años después. **Espacio, Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea**. Número 12, 1999, p. 225-238. Disponível em: <<<http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/viewFile/2980/2840>>> Acesso em 11 dez. 2015.

AMORÓS, Miguel. Génesis y auge de la autonomía obrera en España (1970-1976). In: VV. AA. **Por la memoria anticapitalista**: Reflexiones sobre la autonomía. Madrid: Barbantxo Beltza Benaketak; Rabia contra el sistema; Distribuidora Anticomercial MaldeCap; Distribuidora Soroll; Asamblea de estudiantes libertarios; Tumbando gigantes; Editorial Klinamen, 2009. p. 23-54. Disponível em: <<http://www.editorialklinamen.net/wp-content/uploads/2012/10/klinamen_memoria_anticapitalista.pdf>> Acesso em 21 dez. 2015.

ARISTÓTELES. Arte Poética. In: **A POÉTICA Clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 19-52.

AUB, Max. **La gallina ciega**: Diario español. Edição de Manuel Aznar Soler. Barcelona: Editorial Alba, 1995.

BALCELLS, Albert. Cataluña contemporánea. In: _____. (dir.). **Historia de Cataluña**. Madrid: Esfera de los Libros, 2006. p.571-857.

BARREIRO, Javier. Los contextos del cuplé inicial: canción, sicalipsis y modernidad. **Dossiers Feministes**, nº10, 2007, p. 85-100. Disponível em:

<<<http://www.raco.cat/index.php/DossiersFeministes/article/view/102541/153707>>> Acesso em 24 set. 2015.

_____. La Fornarina y el origen de la canción en España. **Asparkia**, nº16, 2005, p. 27-14. Disponível em: <<<http://www.raco.cat/index.php/Asparkia/article/view/108980/155091>>> Acesso em 24 set. 2015.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **El segundo sexo**. Trad. Alicia Martorell. Madrid: Cátedra, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BORNAY, Erika. **Las hijas de Lilith**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010.

BOYER, Régis. Arquétipos. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussenkind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 89-94.

BUADES JUAN, Josep Maria. Raíces españolas da Guerra Civil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Guerra Civil Espanhola: 70 anos depois**. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 81-94.

BUCKLEY, Ramón. **La doble transición: Política y literatura en la España de los años setenta**. Madrid: Siglo XXI, 1996.

CABALLÉ, Anna. **El feminismo en España: Lenta conquista de un derecho**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.

CABANYES, Oriol Pi; GRAELLS, Guillem-Jordi. **La Generació Literària dels 70: 25 escriptors nascuts entre 1939-1949**. Barcelona: Associació d'escriptors en llengua catalana, 2004.

CAPMANY, Maria Aurèlia. **De profesión: mujer**. Barcelona: Plaza y Janés, 1975.

CAPMANY, Maria Aurèlia; ROIG, Montserrat. **De veu a veu**. Contes i narracions. Seleção de textos Carme Riera. Barcelona: Cercle de Lectors, 2001.

CARVALHAL, Tania Franco. Intertextualidade: a migração de um conceito. **Via Atlântica**, número 9, jun. 2006, p. 125-136. Disponível em: <<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50046/54174>>> Acesso em 26 jun. 2006.

CASANOVA, Julián; GIL ANDRÉS, Carlos. **Breve historia de España en el siglo XX**. Barcelona: Editorial Planeta, 2012.

CASTELLET, Josep Maria. Montserrat Roig en la memòria i des de la memòria. In: _____ et al. **A Montserrat Roig en homenatge**. Barcelona: Generalitat de Catalunya-Departament de Cultura, 1992. p.13-15.

CIPLIAUSKAITÉ, Biruté. **La novela femenina contemporánea (1970-1985)**. Hacia una tipología de la narración en primera persona. Barcelona: Anthropos, 1994.

CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa**: ensayos sobre la escritura. Trad. Ana María Moix. Barcelona: Anthropos; Madrid: Comunidad de Madrid. Consejería de Educación; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1995.

CLAUDÍN, Víctor. Montserrat Roig: “Creo en el poder nostálgico de la literatura”. **Diario 16**, Madrid, 7 abril 1980, Vivir los libros. Disponible en: << <http://www.victorclaudin.net/wp-content/uploads/2013/11/80.4.7-Diario-16.-Montserrat-Roig.pdf> >> Acceso en 30 ago. 2015

COGGIOLA, Osvaldo. A Primeira Internacional Operária e a Comuna de Paris. In: **Revista Aurora**, ano 5, número 8, agosto de 2011. p. 165-183. Disponible en: <<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1274>>> Acceso en 30 jun. 2016.

COMAS, Antoni. **Antologia de la literatura catalana**. Barcelona: Fundació Mediterrània, 1980.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Trad. Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago; Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CON una beca de la fundación March Montserrat Roig acaba otra novela. **Diario de Barcelona**, 19 de set. de 1978, s/p.

CORNEJO PARRIEGO, Rosalía. **Entre mujeres**: Política de la amistad y el deseo en la narrativa española contemporánea. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

DOUBROVSKY, Serge. Autobiografía/verdad/psicoanálisis. Trad. David Roas. In: CASAS, Ana (org.). **La autoficción**: reflexiones teóricas. Madrid: Arco Libros, 2012. p. 45-64.

DUPLÁA, Christina. Montserrat Roig: mujeres, genealogía y lengua materna. Trad. Gustavo Nanclares. In: VOLLENDORF, Lisa (ed.). **Literatura y feminismo en España (s. XV-XXI)**. Barcelona: Icaria, 2005. p. 305-321.

_____. Vida, literatura y Barcelona: las tres patrias de Montserrat Roig. In: ZAVALA, Iris (coord. gral.). **Breve historia feminista de la literatura española (en lengua catalana, gallega y vasca)** vol. VI. Barcelona: Anthropos, 2000. p. 141-151.

_____. **La voz testimonial en Montserrat Roig**: estudio cultural de los textos. Barcelona: Icaria Editorial, 1996.

ECHAUZ, P. Montserrat Roig niega que su literatura sea “feminista”. **Segre Guía**. Lleida, 8 de marzo de 1989. Cultura, p. 47.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ENDERLÉ, Marcelle. Judite. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussenkind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 539-544.

ESTEVES, Antonio R. Narrativas de extração histórica: sob o signo do hibridismo. In: _____. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 17- 73.

_____; ZANDANEL, María Antonia. La barca de los marginados navega hacia un puerto central: la novela histórica contemporánea y la búsqueda de la integración de los excéntricos. **Revista Iberoamericana**. Vol. LXXVI, nº 230, enero-marzo 2010, p. 115-132. Disponível em: <<<http://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6651/6827>>> Acesso em: 07 jan. 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FRANCÉS DÍEZ, Maria Àngels. **Montserrat Roig**: feminisme, memòria i testimoni. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2012.

_____. **Literatura i Feminisme**: L'hora violeta, de Montserrat Roig. Tarragona: Arola Editors, 2010.

_____. Desig i identitat: la recerca de les protagonistes de Montserrat Roig. In: RIERA, Carme; TORRAS, Meri; CLÚA, Isabel; PITARCH, Pau (eds.). **Los hábitos del deseo**. Caracas: Ex Cultura, 2005. p. 413-422.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Quatro ensaios. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

GABORIT, Lydia; GUESDON, Yveline; CAPORAL, Myriam Boutrolle. As Feiticeiras. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussenkind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 348-361.

GARCÍA DE CORTÁZAR, Fernando; GONZÁLEZ VESGA, José Manuel. **Breve historia de España**. Madrid: Alianza, 2011.

GASPARINI, Philippe. La autonarración. Trad. Ana Casas. In: CASAS, Ana (org.). **La autoficción**: reflexiones teóricas. Madrid: Arco Libros, 2012. p. 177-209.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **La loca del desván**: la escritora y la imaginación literaria del siglo XIX. Trad. Carmen Martínez Gimeno. Madrid: Cátedra, 1998.

GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe. **Historia de las mujeres en España**: siglos XIX y XX. Madrid: Arco/Libros, 2011.

GÓMEZ-MONTERO, Javier. Crónica parcial de la memoria literaria de la transición española. In: _____. (ed.). **Memoria literaria de la transición**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert Verlag, 2007. p. 7-16

GOULD LEVINE, Linda. II. Feminismo y repercusiones sociales: de la transición a la actualidad. In: CRUZ, Jacqueline; ZECCHI, Barbara (eds.). **La mujer en la España actual** ¿Evolución o involución? Barcelona: Icaria, 2004. p. 59-72.

GRADO, Mercedes de. I. Encrucijada del feminismo español: disyuntiva entre igualdas y diferencia. In: CRUZ, Jacqueline; ZECCHI, Barbara (eds.). **La mujer en la España actual** ¿Evolución o involución? Barcelona: Icaria, 2004. p. 25-58.

GRAZÓN, María. Prólogo. In: LIZUNDIA, Fernando I. **El exterminio de la memoria**. Una comisión de la verdad contra el olvido de las víctimas del franquismo. Madrid: Catarata, 2015. p. 13-15.

GUARDIA, María Asunción. Montserrat Roig: “Només 49 personatges”. **La Vanguardia**, Barcelona, 5 diciembre 1978, Cultura, p. 19.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter, São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HISTÒRIA/ CONTEXT. **La Bonne - Institut de Cultura i Biblioteca Popular per a la Dona**. Disponível em: << <http://labonne.org/about/el-llegat-francesca-bonnemaison/>>> Acesso em 13 out. 2015.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Edição de Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

HOUT-HUIJBEN, Lidwina M. van den. **El rojo crítico: expansión de la literatura catalana bajo censura (1962-1977)**. 2015. 436 p. Tese de doutorado. Universidade de Groningen, Holanda. Disponível em:<<<http://www.rug.nl/research/portal/files/17027535/Binder1.pdf>>> Acesso em 21 dez. 2015.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

INSTITUT de Cultura i Biblioteca Popular per a la Dona. **Gran Enciclopèdia Catalana**. Disponível em: << <http://www.enciclopedia.cat/EC-GEC-0033708.xml>>> Acesso em 13 out. 2015.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luis Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JUTGLAR, Antoni. **Historia crítica de la burguesía en Cataluña**. Trad. Jordi Doménech; Luisa Crispí. Barcelona: Anthropos, 1984.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KARVAT, Erivan Cassiano. História & Literatura: Reflexões sobre a história da história a partir de notas de história da Literatura. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (orgs.). **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê, 2008. p. 21-37.

LARUMBE, María Ángeles. Vindicación feminista: Un ideal compartido. In: **Vindicación feminista: Una voz colectiva, una historia propia**. Antología facsímil de textos (1976-1979). Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009. p. 17-43.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

LIBOREL, Hughes. As fiandeiras. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussenkind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 370-384.

LIVRO de Judite. In: BÍBLIA SAGRADA. Trad. CNBB. Brasília: Edições CNBB; Canção Nova, 2010.

LIZUNDIA, Fernando I. **El exterminio de la memoria**. Una comisión de la verdad contra el olvido de las víctimas del franquismo. Madrid: Catarata, 2015.

LOZANO MIJARES, María del Pilar. **La novela española posmoderna**. Madrid: Arco Libros, 2007.

LUENGO, Ana. **La encrucijada de la memoria: la memoria colectiva de la Guerra Civil Española en la novela contemporánea**. Berlín: Tranvía, 2004.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTÍN ACEÑA, Pablo. Los problemas monetarios durante la Guerra Civil española. **Studia Historica. Historia Contemporánea**, Vol. 3, 1985, p. 119-126. Disponível em: <<<http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/79965>>> Acesso em 11 dez. 2015.

MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **Historia de España Alfaguara VI: La burguesía conservadora (1874-1931)**. Madrid: Alianza; Alfaguara, 1973.

MASATS, Josep. Montserrat Roig: la Catalunya arrauxada dels artistes. **Revista Canigó**. Número 760, 1 de mai. 1982, p. 8 – 9.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MEROÑO, Pere. **El goig de viure: biografia de Montserrat Roig**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2005.

MONTERO, Rosa. La pasión de escribir. In: CASTELLET, Josep Maria et al. **A Montserrat Roig en homenatge**. Barcelona: Generalitat de Catalunya-Departament de Cultura, 1992. p.23-25.

MONTSERRAT Roig: Habla un personatge. **Guia del ocio**. Barcelona, 10-16 abril 1978, Barcelona Flash, p. 9.

MURADO, Miguel-Anxo. **La invención del pasado**: verdad y ficción en la historia de España. Barcelona: Penguin, 2013.

NAVAS OCAÑA, Isabel. **La literatura española y la crítica feminista**. Madrid: Fundamentos, 2009.

NIEVA DE LA PAZ, Pilar. **Narradoras españolas en la transición política**. Madrid: Editorial Fundamentos, 2004.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NUALART, Elisabet; TRIUS, Eulàlia; XICOTA, Manel. “**La Dona Catalana**”: una proposta de literatura popular. Els Marges. Número 37, 1987. p. 103-110. Disponível em: <<<http://www.raco.cat/index.php/Marges/article/view/109101/157400>>> Acesso em 20 mar. 2016.

NÚÑEZ PUENTE, Sonia. **Una historia propia**. Historia de las mujeres en la España del siglo XX. Madrid: Editorial Pliegos, 2004.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

OREJAS, Francisco G. **La metaficción en la novela española contemporánea**: Entre 1975 y el fin de siglo. Madrid: Arco Libros, 2003.

ORTEGA, Pilar. Montserrat Roig: “La literatura, último espacio en libertad que nos queda”. **Diario Ya**. Aragón, 15 de abril de 1985, Cultura.

PÉREZ, Joseph. **Entender la historia de España**. Madrid: Esfera de los libros, 2011.

PÉREZ LEDESMA, Manuel. Memoria y olvido: el Franquismo y la transición, treinta años después. **Tempo e Argumento**, Revista do programa de pós-graduação em história. Florianópolis, v.1, nº1 – jan. /jun. 2009. p. 217-235. Disponível em: <<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/716/610>>> Acesso em 25 ago. 2015.

PRESTON, Paul. **El holocausto español**: odio y exterminio en la Guerra Civil y después. Trad. Catalina Martínez Muñoz; Eugenia Vázquez. Barcelona: Debolsillo, 2013.

RAPUCCI, Cleide Antonia. **Mulher e deusa**: a construção do feminino em *Fireworks de Angela Carter*. Maringá: Eduem, 2011.

RICOEUR, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. Trad. Alain François (et al.) Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RIERA, Ignasi. Les moltes memòries de Montserrat Roig. In: CASTELLET, Josep Maria et al. **A Montserrat Roig en homenatge**. Barcelona: Generalitat de Catalunya-Departament de Cultura, 1992. p.41-42.

RODRIGO, Antonina. Dolores Ibárruri: vivir y morir en euskadi. In: **Vindicación feminista**. Número 26/27 – edición extra de septiembre de 1978, p. 45-50. Disponible em: <<http://www.unizar.es/sites/default/files/revistavindicacion/Vindicacion26_27.pdf>> Acceso em 05 fev. 2016.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Carlos Alejandro. La bella Chelito. **Vanguardia**. Villa Clara, 19 agosto 2015. Disponible em: <<<http://www.vanguardia.cu/cultura/4450-la-bella-chelito>>> Acceso em 24 set. 2015.

ROIG, Montserrat. **Diari d'uns anys (1975-1981)**. Barcelona: A Contra Vent Editors, 2012.

_____. **Digues que m'estimes encara que sigui mentida**. Barcelona: Edicions 62, 2001a.

_____. **Dime que me quieres aunque sea mentira**. Trad. Antonia Picazo Serna. Barcelona: Edicions Península, 2001b.

_____. **El cant de la joventut**. Barcelona: Edicions 62, 2001c.

_____. **El feminismo**. Barcelona: Salvat Editores, 1986a.

_____. **El temps de les cireres**. Barcelona: Edicions 62, 2014.

_____. **Els catalans als camps nazis**. Barcelona: Edicions 62, 1991.

_____. **Hechiceros de la palabra**. Barcelona: Martínez Roca, 1975.

_____. La Capuchinada. **Triunfo**. Ano XXX, nº686, 20 de març de 1976a, p. 32. Disponible em: <<<http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/64474/1/RTXXX~N686~P32.pdf>>> Acceso em 15 out. 2015.

_____. **L'art de la memoria**. Olot: Club de Debat Joves 21, 1992. 21p.

_____. **La hora violeta**. Trad. Enrique Sordo. Barcelona: Plaza y Janés, 1986b.

_____. **L' hora violeta**. Barcelona: Edicions 62, 1981.

_____. Mare, no entenc els salmons. **Els marges**, nº 16, 1979, p. 61-63. Disponible em: <<<http://www.raco.cat/index.php/Marges/article/view/103891/157936>>> Acceso em 08 mai. 2016.

_____. **Molta roba i poc sabó**: i tan neta que la volen. Barcelona: Edicions 69, 1979.

_____. **Noche y niebla: los catalanes en los campos nazis**. Trad. C. Vilagínés. Barcelona: Edicions Península, 1979.

_____. **Personatges**. Barcelona: Editorial Pòrtic, 1978.

_____. Pròleg. In: _____. **100 pàgines triades per mi**. Barcelona: Edicions La campana, 1988.

_____. **Ramona, adéu**. Barcelona: Edicions 62, 2007.

_____. **Ramona, adios**. Trad. [s.n.]. Barcelona: Plaza y Janés, 1987a.

_____. **Retrats Paral·lels/2**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1976b.

_____. **Tiempo de cerezas**. Trad. Enrique Sordo Barcelona: Plaza y Janés, 1987b.

_____. **¿Tiempo de Mujer?**. Barcelona: Plaza y Janés, 1980.

_____. CESC. **L'autèntica Historia de Catalunya**. Barcelona: Edicions 62, 1990.

ROMERO SALVADÓ, Francisco J. **A Guerra Civil Espanhola**. Trad. Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ROSSELLÓ BOVER, Pere. La narrativa catalana desde la Guerra Civil hasta hoy. In: DHINGRA, Anil; BASSA I MARTIN, Ramon. **La literatura catalana contemporànea (desde 1939): una aproximación**. New Delhi: Universitat de las Illes Balears; Apex Printing House, 2000. p. 25-37.

SALINERO CASCANTE, María Jesús. El cuerpo femenino y su representación en la ficción literaria. In: AZPEITIA, M.; BARRAL, B. J.; DÍAZ, L. E. et al (eds.). **Piel que habla: Viaje a través de los cuerpos femeninos**. Barcelona: Icaria, 2001. p. 39-76.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SEGARRA, Marta. Obertura: Escriure el desig. In: _____. **Escriure el desig**. De la Celestina a Maria-Mercè Marçal. País Valencià: Afers, 2013. p. 9-16.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: A literatura do trauma. In: _____. (org.). **História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SIMON, Antoni. Cataluña moderna. In: BALCELLS, Albert (dir.). **Historia de Cataluña**. Madrid: Esfera de los Libros, 2006. p. 325-570.

SIMONIS, Angie. Victimisme i palimpsest lesbià a la narrativa de Carme Riera i Montserrat Roig. In: TORRAS I FRANCES, Meri. **Accions i reinencions: Cultures lèsbiques a la Catalunya del tombant de segle XX-XXI**. Barcelona: Editorial UOC, 2011. p. 107-119.

TAMAMES, Ramón. **Breve Historia de la Guerra Civil Española**. Barcelona: Ediciones B, 2011.

_____. **Historia de España VII: La República, la era de Franco**. Madrid: Alianza; Alfaguara, 1977.

TEJERO, Juan. Greta Garbo. El Enigma Garbo. In: **Dendra médica**: Revista de Humanidades. Número 12(2), 2013. p. 280-290. Disponível em: <<http://www.dendramedica.es/revista/v12n2/08_Greta_Garbo_El_enigma_Garbo_%28critica%29.pdf>> Acesso em 26 fev. 2016.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo social**: Revista de sociologia da USP. São Paulo, número 10 (2), 1998. p. 63-100. Disponível em: <<<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86781>>> Acesso em 20 dez. 2015.

TROUCHE, André. “A relação história/ficção: as narrativas de extração histórica”. In: _____. **América: história e ficção**. Niterói: EDUFF, 2006. p. 31- 44.

TUÑÓN DE LARA, Manuel. **La España del siglo XX** (3v.). Madrid: Akal, 2000.

UNAMUNO, Miguel de. **En torno al casticismo**. Madrid: Espasa-Calpe, 1979.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **O universo, os deuses os homens**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

VIDAL ALCOVER, Jaume. **Síntesi d’historia de la literatura catalana**, volum 1. Barcelona: Edicions de la Magrana, 1980a.

VIDAL ALCOVER, Jaume. **Síntesi d’historia de la literatura catalana**, volum 2. Barcelona: Edicions de la Magrana, 1980b.

VILAR, Pierre. **Breve historia de Cataluña**. Bellaterra: Edicions UAB, 2013.

_____. **A Guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

VINDICACIÓN Feminista. 1 julio de 1976, nº1. In: **Vindicación feminista**: Una voz colectiva, una historia propia. Antología facsímil de textos (1976-1979). Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009. (DVD)

WINTER, Jay; SIVAN, Emmanuel. Setting the framework. In: _____ (eds.). **War and Remembrance in the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 6-41.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014a.

WOOLF, Virginia. Mulheres e ficção. In: _____. **O valor do riso e outros ensaios**. Trad. Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014b. p. 270-283.

ZARAGOZA GRAS, Joana. Atenea, ¿diosa en la esfera masculina? In: MOLAS FONT, Maria Dolors (ed.). **De las mujeres, el poder y la guerra**. Barcelona, Icaria. 2012. p. 23-38.

ZAVALA, Iris M. **Las formas y funciones de una teoría crítica feminista**. Feminismo dialógico. In: ZAVALA, Iris M.; DÍAZ-DIOCARETZ, Myriam (coords). Breve historia feminista de la literatura española (en lengua castellana). I Teoría feminista: discursos y diferencia. Barcelona: Anthropos, 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. Reflexões sobre a crítica literária feminista. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; CARLOS, Ana Maria (orgs.). **Cultura e Representação**: ensaios. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 219-230.